

FERNANDO CORREIA

DOENÇAS SOCIAIS E HIGIENE

Conferência realizada em Lisboa, em Maio
de 1931 durante a *Semana Portuguesa
de Higiene* e ali repetida durante a
Semana da Tuberculose. + + + +

Editada pelo DISPENSÁRIO DE PROFILAXIA SOCIAL
das Caldas da Rainha

1932

TIPOGRAFIA CALDENSE
CALDAS DA RAINHA

RC
MNCT
61
COR



Convidado para falar numa assembleia essencialmente popular, entendi que outro assunto não poderia encontrar de mais oportunidade nem de mais urgente estudo que o das doenças chamadas sociais nas suas relações com a Higiene e a Medicina Preventiva.

Não é para médicos que vão as minhas palavras — pois que a nenhum médico dou novidades. Não venho tão pouco alardear erudição, para me fazer notar entre pessoas cultas, para quem a vulgarização dos grandes problêmas sociais (e o da higiene está na ordem do dia) nenhuns segredos têm.

As minhas palavras são dirigidas ás classes trabalhadoras, aos operários, a essa classe imensa que representa a maioria dos habitantes do país, classe de desprotegidos a quem não se dão escolas que os eduquem e os ensinem, nem meios de frequentarem as poucas que existem, a quem se não cuida de dar apoio mental nem moral, nem material, e a quem, como suprêma afronta, se cataloga de classe humilde, de classe baixa, como se não fosse uma humilhação e uma baixêza antes para os responsaveis da sua situação o tê-lo creado, esquecendo devêres sociais, promessas feitas e compromissos tomados.

Não vou lisongear ninguém, com o fito numa popularidade que nunca cultivei. Não vou dar novidades a muitos dos que me escutam, entre os quais estão tantas pessoas ilustradas.

No próprio meio em que falo ha muitos elementos para quem o assunto é familiar. Que me perdêm a fastidiosa repetição que lhes apresento deante dos olhos, que só terá o valôr de ser fundada na observação, na prática vivida e na experiencia demorada.

Convencionou-se chamar doenças sociais áquelas que, não limitando os seus efeitos a uma pessoa que mátem ou impossibilitem, ou mesmo a uma familia que sófra as consequências da paralização devida ás enfermidades, exercem uma acção nefasta não apenas na familia actual, mas na descendencia, nem apenas nas diversas gerações duma familia, mas na sociedade inteira.



INSTITUTO DE CARVALHO

RC
FNUCT

61

COB

As doenças que principalmente estão nessas condições são a tuberculose, as doenças venereas, o cancro e o alcoolismo. O valôr social da saúde e o desfalque social devido ás doenças evitaveis marcariam mais largos limites a essa classificação.

A *Higiene* occupa-se dos meios de obstar a que o individuo, a familia e a sociedade sôfram os efeitos das doenças evitaveis, impedindo que elas apareçam, que uma vez apparecidas se transmitam por contagio, ou que o seu efeito vá vitimar a descendencia, quando não se poude obstar ao seu aparecimento.

Os efeitos das doenças, como toda a gente sabe, podem ser de ordem fisica e sensorial, pelos desgastes que produzem no organismo do enfermo e sofrimentos que provocam; de ordem moral, pelo que desorganizem o lar; de ordem material, finalmente, pelas privações que sofrem os doentes e as familias, pelas despesas que ha a fazer com médicos, farmaceuticos, enfermeiros e dietas e pelas dificuldades financeiras em que colocam quem por elas foi atacado.

Os limites das chamadas doenças sociais deviam alargar-se a todas as doenças evitaveis, quer pela hygiene, que pôde em grande parte ser realizada, seguindo os conselhos médicos, por quem não pertença á classe médica, quer pela medicina preventiva que, obrigando ao conhecimento do homem e da maneira de despistar sintomas precoces das doenças, só pôde ser exercida por clinicos e clinicos competentes e bem apetrechados com todo o material de diagnostico.

Vejamcs apênas o lado material da questão, num exemplo tipico, para fazermos idéia do valôr imenso do capital *saúde* e melhor apreciarmos a importancia da *Higiene* e da *Medicina Preventiva*.

O estudo das estatisticas obituarias e o calculo modesto mostram-nos que *em Portugal num total de 140:000 óbitos anuais se contam cerca de 40:000 de pessoas cuja morte se poderia evitar se a sério se encarasse o problêma higienico, como têm feito outros países civilizados e este não fosse constantemente protelado por outros problêmas incomparavelmente menos importantes mas tendo melhores e mais eloquentes defensorés e encontrando ouvidos mais atentos que os escutem. Esse enorme exercito macabro de 40:000 pessoas que a morte rouba a Portugal por incuria, é formado por muitos dos que se deveria evitar que morressem de febre tifoide, tifo exantematico, bexigas, sezões, garrotinho e outras doenças epidemicas; de tuberculose, bronquites, pneumonias e outras doen-*

ças do aparelho respiratorio; de enterites, cirroses do figado (em geral devidas ao alcool), de infeções a seguir a partos e de doenças ignoradas (a maioria por falta de assistencia médica ou resultado do curandeirismo inconsciente).

Nem a todas as mortes de pessoas atacadas destas doenças se pôde evidentemente obstar, mesmo com uma hygiene cuidada.

Mas não é difficil provar que, sendo o total dos óbitos devido ás doenças que acabámos de citar de cerca de 90:000 em cada ano, não será difficil salvar 45 % das vidas assim destruidas, desde que a sério se cuide da hygiene.

Se partirmos do principio que pôdem evitar-se 95 % das mortes por bexigas e garrotilho; 75 % das causadas por enterites, quasi todas infantis, devidas a ignorancia ou selvajaria das mães; 20 % das de causa desconhecida e 50 % das devidas às restantes causas, o que não é exagerado, visto que nos países onde a hygiene é devidamente cultivada se tem visto a mortalidade baixar tanto ou mais, facilmente concluímos que o calculo que fizémos está certo e que *em Portugal deveria evitar-se em cada ano a morte de 40:000 pessoas.*

Vejâmos agora quanto vale em numeros frios esse exercito ingloriamente desbaratado por incuria. Calculando a média do salário a 5\$00 e admitindo que cada pessoa trabalhe por ano 300 dias, vê-se que em cada ano se *perde um rendimento igual a 60 mil contos.*

Mas este calculo refere-se apenas ao rendimento. Ora a verdade é que a morte num caso destes não leva apenas o rendimento; leva o proprio capital; leva as vidas que não só deixam de produzir naquele ano mas nunca mais tornarão a produzir. Façâmos outro calculo. Calculêmos que o rendimento do capital *homem* é de 10 % do seu valôr ; que cada individuo vale 15 contos, por consequente.

Feitas assim as contas, chegâmos á conclusão de que *a perda anual de vidas que se poderiam salvar em Portugal com uma boa organização higienica, representa um desperdicio de capital de 600 mil contos!*

Ouve-se dizer a meudo e com razão que é preciso desaquear um porto, construir um caminho de ferro ou uma estrada, fazer uma dada obra de fomento agricola, industrial ou outro que, darão grande rendimento ao Estado. Quantas são no entanto as obras que pelo facto de não se fazerem, dão ao Estado um prejuizo de 600 mil contos? Que verbas não seriam precisas para as levar a efeito e as mantêr?

— Pois bem. Não se pede ao Estado que inclua nas despesas orçamentais 600 mil contos por ano a bem da hygiene publica, que aliás, por descuidos e esquecimentos de velha data os justificaria de sobejo. Mas que gaste o que é justo em obras de saneamento, dando que fazer a tanto operário desempregado, e fará assim uma dupla obra social, de assistencia momentanea aos sem trabalho e de realização duma grande obra de previdencia para o futuro e que a realizar-se honraria como nenhuma outra a nossa geração.

— Percorriámos o país. Vejâmos os obstaculos que em cada concelho se opõem á hygiene, desde as aldeias ás mais importantes cidades. Há dois anos, por incumbencia do Sr. Director Geral de Saude, tive occasião de fazer um inquerito ao que se passa por esse país fóra. Escutêmos as respostas que por escrito me foram mandadas pelos Delegados de Saude. Não citêmos nomes de terras, nem apresentêmos a nossa opinião pessoal. Oiçâmos as vozes dos que vivem nessas terras dispersas, médicos competentes, de ideias politicas e religiosas as mais diversas, de edades as mais variadas, saídos de escolas diferentes.

O estendal é confrangedor. As causas que êsses funcionários apontam como impedidôras da hygiene e do saneamento do país são :—A falta de verbas suficientes de que as Camaras possam dispôr, a indifferença das Camaras, a falta de pessoal para fazer a policia sanitária, a falta de agua, a falta de esgôtos, a falta dum regulamento claro e insofismavel que os guardas possam facilmente manusear, a falta de actualização das Posturas Municipais, a ignorancia do povo, a dependencia em que os Delegados de Saude estão das Camaras, quasi sempre formadas de leigos em materia de hygiene, o desprestigio constante a que eles estão expostos, a falta de energia e de iniciativa das autoridades, as incompatibilidades entre as Camaras e os Delegados de Saude, a excessiva benevolencia das autoridades, a falta de recursos municipais, o «compadrio», o desleixo, a rotina, a falta de instrução das pessoas de influencia, «a má vontade» das Camaras, a politica, a falta de aparelhos de desinfecção, os «interesses creados», a resistencia passiva do povo, a constante falta de energia das autoridades, os maus caminhos que levam ás aldeias, o esquecimento das terras de provincia pelos poderes publicos, a natureza da vida rural e as condições do povo, a politica administrativa, a «ignorancia de algumas Camaras e a politica de todas», a falta de verbas e auxilios do Estado, os interesses particulares e politicos, a impunidade em juizo, a falta de autonomia dos Delegados de

Saúde em relação aos organismos e autoridades locais, os interesses feridos, a falta de fiscalização, certos embargos judiciais a obras de saneamento, a classica brandura dos nossos costumes, a falta de zêlo da policia e da guarda republicana, a falta duma policia especial, as grandes distâncias entre algumas localidades e as sédes dos respectivos concelhos, a má applicação das verbas municipais em obras de importância secundaria, com prejuizo das obras de saneamento, etc., etc.

Estes mil *mandamentos* resumem-se em quatro: — Falta de auxilio do Estado, falta de competência das autoridades, falta de educação cívica das autoridades e do povo e desorientação administrativa que leva a pensar menos na colectividade e no futuro do que nos compadres e amigos e na popularidade rápida.

Para obstar a que estes factores negativos existam é necessária a acção do Estado, a acção das Camaras, a das autoridades e a do Povo.

Ao Estado incumbe a organização, a fiscalização, a orientação e a distribuição de verbas para se realizarem obras de saneamento, distribuir água pura ás localidades, abrir rêdes de esgôtos nos centros urbanos, entre outras, o que vai dar que fazer a muita gente desempregada e diminuir incontestavelmente a mortalidade.

A's Camaras incumbe o auxilio a obras locais, a colaboração constante com as autoridades sanitárias e a policia sanitária na sua zona de jurisdicção.

As autoridades teem de ser competentes, zelosas, prudentes, firmes, dignas e diligentes.

O povo tem de ser instruido, educado e iniciado nos principios indiscutíveis da hygiene; acutelado contra os perigos do contágio e os resultados da falta de hygiene. Deve ser-lhe explicada a razão de ser das leis e a importância da sua applicação.

Se ha capítulos da administração pública em que as infracções e a indisciplina não trazem prejuizo de maior, além do espectáculo da falta de civilização e de cultura, o que diz respeito á hygiene entra em jôgo com os elementos fundamentais de todas as sociedades civilizadas porque joga com a vida dos indivíduos, das familias e das gerações.

Os entraves á acção das autoridades sanitárias, quer venham do Estado, quer das Camaras, quer dos particulares, são verdadeiros crimes sociais. Já não é pouco ter serviços deficientes de saneamento, ter uma policia sanitária improvisada, pagar aos delegados de saúde como se fôsem varredôres.

O que é preciso é que as autoridades administrativas, judiciais e militares prestigiem sempre as autoridades sanitárias, dando assim ao povo o mais útil dos exemplos e o mais são dos incitamentos.

As autoridades sanitárias portuguesas já se contentam, desde o Director Geral de Saúde aos mais humildes delegados de saúde, se as outras autoridades do Estado lhes derem fôrça moral e apoio.

O povo é de todos o menos culpado, porque se comete infracções é porque o não ensinam, é porque o não educam, é porque não lhe explicam o valor da hygiene e porque, longe disso, a cada passo lhe dão maus exemplos quando o não excitam a cometer essas infracções.

Vem tudo isto a propósito de doenças sociais.

As doenças sociais, como vimos, são aquelas que não ferem apênas o indivíduo ou a família isolados, mas ferem a descendência, ferem as gerações sucessivas inocentes, ferem a sociedade, ferem a humanidade inteira.

A tuberculose é a mais grave das doenças sociais. E' a doença que em Portugal, como em todo o mundo, mata mais gente, mais do que as guerras e as epidemias juntas. E entretanto toda a gente teme uma guerra, toda a gente receia uma revolução, toda a gente se aterra com a ideia duma epidemia de peste, de cólera, de febre amarela, de tifo exantemático e a quasi totalidade da gente não só não evita o contágio da tuberculose, como dia a dia, instante a instante, colabóra na preparação do terreno em que a tuberculose se instala irremediavelmente.

A sífilis e demais doenças venéreas matam inúmeras pessoas, umas directamente, outras pelas suas complicações; cegam, fazem enlouquecer e invalidam legiões de desgraçados; destroem antes do nascimento um número incalculável de seres, pelos abôrtos a que expõem, pelos nados mortos devidos á sífilis; compromete a saúde dos descendentes.

O alcoolismo dissolve o character, dissolve a família, dissolve a sociedade; predispõe para a tuberculose, para a sífilis, para a loucura, prepara criminosos, escancára como enormes ratoeiras as portas das prizões; como as duas outras doenças sociais é um factor

imenso da degenerescência da raça, do enfraquecimento da descendência.

O cancro, alastrando assustadoramente, torna-se um anátema horrível nas famílias pela sua transmissão, pela ignorância em que ainda estamos a respeito da sua causa.

De passágem falarêmos do tracôma e da blenorragia, grandes causas de cegueira, das enterites da primeira infância, causadas principalmente pela ignorância das mães.

Somatório de todos estes males, de todas as taras, de todos os vícios e de todas as misérias, aparece-nos, como escória duma fornalha ardente, a loucura, a criminalidade e a prostituição.

¿Póde a hygiene alguma coisa contra todos estes males, contra todas estas misérias, contra todos estes horrores?

Póde. A luta contra as doenças sociais, contra a tuberculose, a sífilis, a blenorragia, o alcoolismo, o cancro, o tracôma, a lepra, a loucura, a cegueira, a criminalidade e a prostituição assentam essencialmente e fundamentalmente na Hygiene.

Neste caso é que, como em nenhum outro, é verdadeiro o ditado de que «vale mais prevenir que remediar».

O papel das autoridades sanitárias e de todos os médicos é primordial e insubstituível. O médico tem de aconselhar, ensinar, instruir, intervir a cada momento, desinfectando, isolando, tratando, vacinando, orientando.

Esta luta é fatigante, inglória, obscura, deturpada a cada momento por parasitas ou quaisquer lesados que teem de ser afastados ou chamados á ordem durante ela.

Ha tres vidas que estão sujeitas, como nenhuma, á ingratidão e á injustiça: — a dos políticos, a dos padres e a dos médicos.

E é curioso que em geral quem maldiz os políticos e ataca mais intransigentemente as suas faltas não são aqueles que teem autoridade moral para os atacar e que sempre são inclinados á benevolência das pessoas de boa fê: — são os que depois de os lisonjeárem, conhecendo-lhes já essas faltas, os abandonam por não terem alcançado favores a que se julgavam com direito.

Muitos dos que atacam os padres não o fazem por discordárem

da religião, cuja doutrina tantos d'êles ignoram, mas porque ouviram um padre verberar faltas morais que não querem que aos olhos do mundo sejam tomadas como faltas e que êles cometem querendo continuar a passar por pessoas de sã consciência.

O povo não gosta que lhe ralhem, disse um filósofo. Mas gosta que o lisonjeiem, sem vêr que a lisonja é um rebuçado enganadôr que leva dentro muita vez o mais subtil dos venenos.

Os médicos sanitários teem contra si esses inimigos dos políticos de mãos dadas com aqueles inimigos dos padres.

¿Quais são as vilimas de todas essas campanhas de ódio, mais devidas a interesses tocados do que á sinceridade das afirmações? São precisamente os ingénuos e os incautos cuja ignorância e boa fé são aproveitadas por empreiteiros da calúnia, do descrédito e da confusão. E' o povo confiante, é o povo que trabalha, é o povo que produz, é o povo que paga, é o eterno gato morto de que se servem grêgos e troianos para se elevarem, como um alcoolico se serve da aguardente para se iludir, iludidos êles próprios com a popularidade que é muito diferente da justiça e da razão.

A luta contra as doenças sociais assenta essencialmente e fundamentalmente na hygiene. Para a pôr em prática é preciso educar, ensinar, construir, inovar, reagir, repreender, castigar, isolar, bulindo em muitos interesses ilegítimos mas ferozes, em muitas profissões inconfessáveis. . .

*

* * *

Antes de mais é preciso educar. Educar a creança pequenina, educar a creança na escola e na família; educar o adolescente na escola, na oficina, no campo desportivo, na sociedade; educar o homem na mesma oficina, no escritório, na repartição, no banco, no exército, por toda a parte; educar os pais, inculcando-lhes a ideia do dever social de por sua vez educarem os seus filhos ou procurarem quem os eduque.

Sem a educação moral é impossível a educação higiênica, nem a educação cívica, elementos imprescindíveis numa República respeitável e indestrutivelmente consolidada.

Muita gente não pensa assim porque, com a superficialidade característica do caracter do português, nunca pensou a sério em tal coisa.

E o resultado é que não ha ninguem que não fique surpreendido quando ouve contar factos como o que adiante refiro, que eu próprio observei e já tive occasião de contar noutro lugar.

Muita gente, leviaamente ou por preguiça, esquece ou não mede o alcance do que diz, do que faz ou deixa de fazer e tem depois rebates de consciência como aquele que Paul Bourget tão eloqüentemente nos aponta no seu conhecido romance «O Discípulo».

Mas vamos contar o caso a que me referi e que, sendo rigorosamente autêntico e típico, dispensa comentários e só por si mostra como é absolutamente indispensável educar o povo, considerada a palavra povo não na significação vulgar, mas no sentido lato de população, nele incluindo as classes operárias, como as burguezas, como até as intellectuais, que por vezes em polémicas científicas ou literárias ou em lutas de concorrência a lugares técnicos mostram que muito teriam de aprender com o mais humilde e ignorante cavador que tenha tido educação moral e não um simples lustro de civilidade para a suprir.

Haverá um ano, visitando uma estância de cura e de repouso do norte, encontrei lá um rapaz tuberculoso que antes estivera num sanatório de onde saíra por não se querer sujeitar ao regimen disciplinado e rigoroso, indispensável em estabelecimentos daquela natureza. Não estive lá tão pouco tempo no entanto que não tivesse aprendido que a tuberculose é muito contagiosa e que um dos focos mais vulgares do contágio são os escarros dos tuberculosos. No próprio sanatório os escarradores fixos e de algibeira recordam este princípio a quem dele se esqueça.

Mas este rapaz era ilustrado, tinha cursado uma escola superior, pertencia a uma familia civilizada e ilustrada e sabia desde muito antes de ir para o sanatório o perigo que representa a expectoração dum tísico. Ele próprio tinha bacilos na expectoração e não o ignorava.

Pois esse doente, que não é um louco, nem estava embriagado, perguntando-lhe eu se estava satisfeito naquela estância de cura, êle que saíra do sanatório por não estar disposto a seguir o regimen conveniente, fez-me os mais rasgados elogios á nova instalação, afirmou-me que tinha confiança de se curar ali, onde tinha plena liberdade e não estava sujeito a qualquer regimen. Que o povo da região era encantador, salvo os commerciantes duma cidade visinha que em sonhando que um freguês era tuberculoso o exploravam escandalosamente.

E sabem como é que êle julgou que devia castigar a ganância desses comerciantes? Disse-o êle próprio numa frase :

— Mas tambem nós vingâmo-nos deles. Nas ruas, nas lojas, por todos os sitios por onde passâmos nessa cidade, até nos consolâmos de escarrar e de lhes deixar bacilos de Koch.

Repito, o tuberculoso que a proferiu era um rapaz ilustrado, abastado, de familias civilisadas. E tinha um aspecto simpático e era clinicamente curável.

Póde não se curar por ser indisciplinado, e pronunciou uma frase que é uma monstruosidade mesmo que não passasse de uma *blague*.

De que vale os médicos espalharem por toda a parte conselhos de hygiene, mostrando ao povo que póde e deve evitar inúmeros casos de enterites das creancinhas, de garrotinho, de bexigas, de tuberculose, de sífilis... De que vale instalarem-se dispensários, crèches, hospitais, lactários, todas as numerosas instituições de luta anti-infecciosa? Todo o trabalho e tempo dispendidos, todo o dinheiro empregado, topam com um obstáculo imenso, superior á miséria, á falta de verbas e á falta de pessoal competente e dedicado, que inutilisa todo o seu esforço e desvirtua todas as boas intenções: —A falta de educação.

E' preciso espalhar por todo o País a instrução, mas junta indissoluvelmente á educação moral.

E' preciso que não vão ocupar-se as creanças e os adultos ignorantes a decorar e gastar tempo com discussões sobre sistemas educativos. O portuguez, em matéria de educação como em muitas mais, está como Bocage boêmio, embrulhado numa peça de excellente fazenda que lhe dêram... á espera da última moda. E, enquanto espera, ha uma enorme mancha na mentalidade colectiva do País por culpa dos que, não se contentando com o que já ha de bom e indiscutível, querem por excesso de intelectualismo fazer táboa raza do «que não é novo».

Nós, médicos, recebemos todos os dias da Alemanha, da França, da Inglaterra, da América, da Espanha e do próprio País, amostras de especialidades farmaceuticas, acompanhadas todas elas da chamada *literatura*, folha, folhêto, ou livro impresso, mais ou menos intelixentemente feitos, alguns apresentados com gosto e até com luxo. Todas essas *literaturas* fazem, é claro, a apologia dos productos respectivos e se lhes fôssemos dar crédito estava de há muito resolvido o problema da cura da tuberculose, do cancro e de muitas outras moléstias, de modo infalível.

Essas *literaturas*, se são, numa insignificante minoria, relatos sérios de estudos químicos, fisiológicos, pharmaco-dinâmicos e clínicos, a maioria delas são verdadeiras afrontas aos médicos, porque dizem banalidades ou inexactidões que commercialmente são impressas para fazer de cada leitôr, médico ou não médico, um propagandista, transformando os leigos em doutores da mula-ruça e os médicos que lhes dão ouvidos em levianos aviadôres de receitas.

Estão na moda as especialidades pharmacêuticas que, muitas delas, não passam de empacotamentos caros de medicamentos baratos ; o público, sempre em busca de novidades, *exige* que os médicos colaborem numa burla receitando a maior parte delas. . .

Dizemos a maior parte porque ha algumas, tanto nacionais como estrangeiras, que são apreciáveis e mesmo preciosas. . .

E dizemos *exige* porque, se o não fizer, o público deixa esse médico que lhe quer poupar dinheiro e evitar dar *gato por lebre* e vai a outro mais *moderno*, que, ou já esteja experiente da exigência da moda e não queira perder a sua clínica inglóriamente, ou queira, quando se trata de *novidades*, fazer experiência com a algibeira e o corpo dos doentes.

O que se dá com os reclamos e *literaturas* referentes a especialidades pharmacêuticas, dá-se com os réclamos e literaturas referentes a métodos de educação e ensino. Conversando há pouco com um distinto professor, ouvi-lhe o triste desabafo de que nas nossas escolas nunca os alunos souberam tão pouco como desde que se intensificou o estudo da pedagogia nos cursos para professores. Os métodos de ensino e de educação são tantos, a lógica de certos métodos obriga a tais absurdos que, experimentados, como se fôsse *in anima vili*, à custa dos alunos, se chega à conclusão de que em Portugal, como acontecia com o Bocage. . . se continúa à espera da última moda.

*

E' preciso, pois, que todos os que se interessam pela luta a favor da hygiene e do combate contra as doenças sociais, bradem bem alto a necessidade urgente de se fazer uma intensiva propaganda e colaborem nela.

E' preciso esclarecer o público sôbre detalhes da acção profilática a desenvolver, instruí-lo sôbre o modo de evitar o contágio,

de fortalecer o organismo, de destruir os gérmenes nocivos, de os tornar inofensivos.

Esse papel incumbe aos médicos, auxiliados embora por pessoas cultas e por pessoas dedicadas, por pessoas de boa vontade e são critério, embora com pouca illustração.

Vejâmos qual a colaboração que todas as pessoas de boa vontade e são critério, embora de pouca cultura, podem prestar na luta contra as doenças sociais.

Falêmos em primeiro lugar da tuberculose, doença contagiosa típica, cujo combate exige conhecimentos que pôdem aplicar-se à maior parte das doenças contagiosas.

A luta contra a tuberculose exige a acção do Estado, das Juntas Geraes dos distritos, das Câmaras, dos médicos, dos capitalistas, dos proprietários, das pessoas ricas, das classes trabalhadoras.

Encarêmos apenas agora o papel das classes trabalhadoras.

No nosso país é vulgar, umas vezes por levandade, outras vezes com segundas intenções, ir dizendo ás assembleias de ricos quais os deveres dos pobres e ir proclamar nas assembleias populares quais as obrigações dos ricos. Esse procedimento covarde, usado, quando não é leviano, com o fito na popularidade fácil que consiste em lisongear os presentes, exautorando os ausentes, tem dado causa a muita revolta e a muita perseguição e a poucas obras construtivas tem dado logar.

Ao falar de tuberculose, um dos primeiros factores a encarar, principalmente nos grandes meios, é o problema da habitação. Toda a gente o sabe, já não é novidade para ninguém. Por essas ruas de Lisboa, por essas ruas do Porto, de Coimbra, de todos os centros urbanos do País, acumulam-se aos montões, em casebres sem luz, sem ar, sem condições algumas de hygiene, famílias inteiras, viveiros ambulantes de bacilos de Koch, que devem principalmente ás más condições das casas a doença que os dizima a breve trecho.

Ha uma lei portugueza que diz que não pôde construir-se nenhuma casa sem que obedeça a determinadas condições higiênicas, expressas numa lei e prèviamente verificadas nos projectos pelos delegados de saúde. Não há nenhum portuguez que ouvindo falar dessa lei a não ache excelente. Mas, . . . isso é teóricamente. Na prática, quando uma pessoa se lembra de construir uma casa, ao ouvir a opinião do delegado de saúde sôbre a escolha de terreno, sôbre o beneficiamento dêste, sôbre a orientação a dar ao edificio, sôbre a capacidade de cada compartimento, sôbre as dimensões de

cada janela, necessidade da existência duma caixa de ar ventilada por debaixo do pavimento, conveniente construção de esgotos, etc., é raro que se conforme com a opinião do técnico «porque 10 centímetros a mais não pôdem fazer mal á saúde, porque o terreno é voltado para um lado para onde não lhe convêm que fique a cosinha, porque o pé direito assim é feio, porque as janelas de certo modo ficam caras, porque finalmente o senhor fulano e o senhor cicrano tem vivido em casas sem nada disso e são velhos e saúdáveis e porque ha para aí muitas casas que não obedecem á lei e deviam então ser demolidas».

— E' claro que o critério único dessas pessoas é o económico.

— E' evidente que pelo facto de vermos atravessar por uma rua movimentada um automovel a 60 quilómetros á hora sem atropelar, por acaso, ninguem, não entendemos que deva ser consentida tal velocidade, que só por excepção não causou vítimas; que embora tenhamos surpreendido uma creança de um ano a brincar com uma navalha de barba aberta sem se ter cortado não vamos dar a outras creanças dessa idade uma navalha de barba para brincar...

— Mas essas pessoas não olham á lógica, não olham á razão, pensam apenas no factor económico.

— Se as camaras fecham os olhos, se os delegados de saúde para não serem alcinhados de *féras* transigem, se a falta de pessoal não deixa vigiar as obras, esses edificios, embora os projectos sejam excellentes, não passam duma caricatura desses projectos e vão juntar-se ao amontoado de fábricas de tuberculosos.

— Suponhâmos agora que quem faz a casa é uma pessoa de poucos recursos, que tem o ideal respeitável e simpático de ter uma casa mas não tem dinheiro para a construir. Que pede esse dinheiro emprestado, empenhando-se, com a esperanza de mais tarde alugar um andar que, dando-lhe rendimento, lhe ajude a pagar a pouco e pouco a sua dívida. Essa pessoa, metida, como se costuma dizer, numa camisa de onze varas, numa situação difficil «como umas casas», é obrigada a empregar todos os esforços para construir barato, para habitar a casa estando ella longe do seu acabamento, para sofismar por todos os meios as indicações sanitárias. Se o delegado de saúde é *bom rapaz* e tem dó da situação material desse imprudente; se o deixa construir uma casa sem condições higiénicas, fóra de todas as prescrições legais; se o deixa instalar, embora a título provisório, dentro das paredes sem acabamento; se o deixa arrendar uma parte da casa para lhe permitir obstar a uma ruina iminente; esse funcionário com a sua fraqueza, o seu sentiment-

lismo insensato, a sua transigência, dá origem, por suas próprias mãos, a mais um fóco insalubre — a mais uma fábrica de tuberculosos.

¿E afinal que resulta da sua transigência, da sua fraqueza, do seu sentimentalismo? E' que essa pessoa de poucos meios, iludida pela mirágem duma casa *sua*, dum ninho para a familia, ideal nobre, indiscutivelmente; essa pessoa, que hipotecou o casebre para o poder construir, vê-o passar para as mãos do seu crédor, ficando sem casa, sem economias que enterrou na sua construção antes de recorrer á hipoteca, sem illusões sequer.

É essa casa, mudada para dono que lhe dá acabamento, aproveitando das transigências, da fraqueza e do sentimentalismo das autoridades para com o primeiro dono, que era digno de dó e de auxílio na verdade, nunca mais deixa de ser uma péssima casa.

E' esta a origem de muitas habitações insalubres.

Que uma pessoa de poucos meios construa uma casa modesta numa aldeia, em sitio arejado, cheio de sol, livre da sombra de outras casas, com ar a atravessá-la e luz a jôrros para compensar uma cubágem insufficiente, a falta de grandes janelas ou do pé direito razoável; que tenha ao fundo da horta vizinha uma estremeira que lhe poupe a despeza de esgôtos; nada mais natural, nada mais razoável nem mais digno de louvôres.

Mas arcar com as despezas duma construção urbana que não pôde deixar de ser cara e que ou ha-de ficar anti-higiênica ou o ha-de levar á ruína, quando não sucedem as duas coisas ao mesmo tempo, é loucura e insensatez e torna esses pobres iludidos em agentes de ricos sem escrúpulos.

Quem não tenha verba sufficiente, feitas as contas aos orçamentos, sempre enganadôres, como toda a gente sabe, nunca deve construir uma casa.

Não falo aqui dos fabricantes de gaiolas em série, sem condições de salubridade e apenas com o fito no lucro e que para poderem alugar as casas baratas, sacrificam para isso tudo o que puderem em matéria de sanidade.

Não entrarei tambem a discutir certas adaptações de dependências de prédios que nem para armazens serviam devido á humidade, falta de ventilação e de luz, e são transformadas em casas de habitação por certos *beneméritos*...

Suponhamos no entanto que o delegado de saúde, ao apparecer-lhe um projecto de construção em más condições o regeita; que faz vêr ao que lh'o leva que uma casa mal construída é uma fábrica

de tuberculosos; que, embora tendo muita pena do pobre idealista que gostaria de ter um ninho, lhe mostra que aquele ideal para elle não passa duma ilusão, porque a casa ao terminar-se irá para as mãos dos crédores; que ao apparecerem-lhe certos *beneméritos* com projectos de casas económicas lhes prova que não é só dum abrigo debaixo de telha que precisa o homem; que ha certos abrigos que matam mais que as intempéries...

Suponhâmos que esse delegado de saúde, sincero e dedicado, gasta tempo a mostrar — tanto a uns como a outros — quais as razões porque a hygiene condena certas construções. O menos que acontece a esse delegado de saúde é ser alcunhado de exagerado que abusa da lei, de fêra que não tem dó dos pobres, de pessoa sem sentimentos, que não auxilia uma iniciativa *simpática*. E são esses mesmos pobres, desorientados por certos *beneméritos* quem mais se queixa, porque em geral pensam só no dia de hoje e nunca se deram a pensar no futuro.

*

* *

Mas analisemos os outros factores de tuberculisação.

Um dos mais importantes é elle próprio uma das principais doenças sociais, preparando a tuberculose, como prepara a loucura, como prepara a ruina do indivíduo, da família e da descendência: — O alcoolismo.

Não vou aqui falar do alcoolismo sustentado a *champagne* e a licôres caros, a *cock-tails* e a *groggs*, em salões e cafés *chics*, tão repugnante e tão pernicioso como o que se sustenta de carrascão e de cálices da *rifa* — e que nem tem como pretexto a falta de instrução, porque os que dêle são vítimas são as chamadas pessoas elegantes.

Como disse, um dos grandes males do nosso país tem sido o de, numa lamentável confusão, se falar dos vícios dos ricos entre os pobres e dos vícios dos pobres entre os ricos — onde nem um nem outros pôdem dar-lhes remédio. Por isso não falo dêsse.

As minhas palavras hoje são para os operários e a elles me dirijo pedindo-lhes em nome da classe médica, em nome das autoridades sanitárias, auxílio, que pôde ser valiosíssimo, contra o alcoolismo da sua classe.

A percentagem de alcoólicos em Portugal é imensa. A classe operária fornece ao alcoolismo um pesadíssimo tributo em vidas, em aptidões, em valores, que são constantemente aniquilados por êle.

Muitas reivindicações justíssimas dos operários deixam de ser atendidas, antes são proteladas indefinidamente porque um patrão, um govêrno ou uma nação, encontráram nos hábitos alcóolicos de certos elementos dirigentes dum dado movimento, um pretexto para fazerem cair, pelo ridículo e por falta de autoridade moral, os que adeiram a esse movimento cheios de sinceridade, cheios de razão, cheios de justiça...

O alcoolismo é, com a tuberculose e com a sífilis, um dos maiores flagelos sociais, causa da destruição dos homens pela doença, do enfraquecimento da raça pela loucura e taras de nascença e desorganisação moral e criminalidade pela perda de consciência dos alcoólicos.

Muita gente imagina que alcoólico é apenas aquele que se embriaga. Nada mais errado. Alcoólico é quem tem o hábito de beber em excesso. Ha alcoólicos que nunca na sua vida se embriagáram, como ha pessoas que habitualmente não bebem e que, bebendo excepcionalmente se embriagáram, não sendo por esse facto alcoólicos.

O alcool ataca principalmente o sistema nervoso, o figado, o estômago, os rins e o coração. Uma grande parte dos loucos são filhos de alcoólicos. O alcoolismo predispõe para a tuberculose, já pelo que enfraquece o organismo, já pela perda de apetite que produz nas suas vítimas. O alcoólico é com frequência sífilítico por não se acautelar suficientemente contra o contágio dessa doença.

O alcoolismo é a causa máxima da desorganisação das famílias. Desde o modesto operário que desbarata aos sabados o salário com que havia de sustentar a mulher e os filhos durante toda a semana, até ao patrão rico que, sob a influencia do alcool se incompatibilisa com o seu melhor empregado e se arruina, todos os dias e por toda a parte os exemplos se multiplicam incessantemente de modo a dispensárem argumentos fantasistas e teóricos, excedidos sempre neste caso pela realidade.

O alcoolismo é uma das causas mais vulgares do suicídio, ou directamente ou pelas taras hereditárias.

Uma das causas mais importantes de tuberculisação é a insuficiência alimentar. Não é evidentemente á classe operária que incumbe a principal acção para evitar essa causa, ligada com factores sociais múltiplos, com a carestia da vida, com a insuficiência dos salários, com o grande número de pessoas de família a sustentar, com a organização dos serviços de assistência, etc., problêmas que devem ser resolvidos pelo Estado, pelos patrões, pelos capitalistas.

Mas alguma coisa podem fazer os operários, procurando, sempre que seja possivel, ser económicos, não gastando em alcool que duplamente os arruina, inscrevendo-se em associações de socorrós mútuos, procurando alimentos substanciais, que nem sempre são os mais caros, etc.

Outro tanto dirêmos das oficinas insalubres, grandes fôcos de tuberculose e cujo saneamento incumbe aos patrões. Aos operários incumbe no entanto, para terem autoridade moral para se queixarem, embora com toda a razão, desses fôcos insalubres, procurarem ao saírem deles a luz e o bom ar, fazerem exercicios, e não irem meter-se, ao deixarem essas oficinas insalubres, noutros fôcos tanto ou mais insalubres do que elas — as tabernas.

*

* *

Ao têr-se conhecimento de que uma pessoa está tuberculosa devem empregar-se todos os meios possiveis para evitar que case e que não só vá transmitir ao conjuge o seu mal, mas vá gerar filhos predispostos para a tuberculose, quando não são contagiados logo apóz o nascimento.

Em face dum tuberculoso deve procurar evitar-se que ele se torne contagioso, ensinando-o a desinfetar os seus escarros, as suas roupas, os seus talheres, a sua louça. Deve fornecer-se-lhe um escarrador para evitar que ele espalhe os bacilos dos seus escarros por toda a parte. Devem procurar evitar-se as partículas de saliva

expelidas pelo tuberculoso ao falar, os chamados perdigôtos, que são dos mais virulentos agentes de contágio da tuberculose.

Muitos outros cuidados devem ser seguidos para se evitar a tuberculose, dêles devendo informar-se tôda a gente pelos seus médicos, freqüentando dispensários, hospitais, sanatórios e consultas ou lendo publicações de vulgarisação.

Há animais que podem transmitir a tuberculose e por isso devem ser destruídos, afastados ou vigiados pelo menos. As môscas são grandes propagadôras da tuberculose, como de outras doenças contagiosas, devendo por isso ser destruídas, com particular cuidado, bem como as formigas e mosquitos que por sua vez transmitem varias doenças.

As vacas, pela carne e pelo leite, os cães, os gatos, os porcos, os macâcos e os papagaios transmitem muitas vezes a tuberculose.

A vigilância veterinária, a prudência na escolha de enchidos, de origem tanta vez desconhecida e a fervura sistemática e demorada impõem-se por consequinte.

Deixêmos agora o problêma da tuberculose. Falêmos de outra grande doença social, a juntar á tuberculose e ao alcoolismo que analisâmos juntas, por indissolvelmente andarem sempre ligadas : — Falêmos da sífilis.

Já lá vai o tempo em que era quasi um crime e sempre uma irreverência inaudita pronunciar o simples nome da sífilis.

As vítimas de tal preconceito que, dada a fonte mais vulgar de contágio, a consideravam uma *doença vergonhosa*, foram tantas ! As taras hereditárias transmitidas por falta de tratamento acumuláram-se de tal modo ! O número de pessoas mortas ou inutilizadas em plena mocidade com paralisias, com a cegueira, com a loucura ou com lesões dos pulmões, do coração, do figado, de to-

dos os órgãos emfim do corpo, em consequência da sífilis mal tratada ou nunca tratada tornou-se tão formidável que se ergueu um brado universal contra tal preconceito e de luta sem tréguas contra tão terrível mal. Um dos auxiliares maiores da sifilização é a prostituição legal ou clandestina.

A prostituição legal está irremediavelmente condenada em todos os países civilizados por todos os médicos que proclamam sincera e honradamente como improficua a vigilância médica dos prostíbulo, por mais rigorosa que seja.

A prostituição clandestina tem todos os perigos da legal, com a agravante de não haver, embora insufficiente, nem a simples garantia da vigilância médica.

Um dos problémas mais difíceis de resolver é o da luta contra a sífilis, pela diversidade de factores a um tempo de ordem material e moral a encarar.

Um factor é fundamental e indiscutível: — O tratamento sistématico, bem dirigido e feito gratuitamente a todos os sífilíticos, não devendo apénas ser compelidas as mulheres mas tambem os homens a fazê-lo. Esse tratamento deve ser garantido pelo Estado e faz-nos deparar com um grandê obstáculo material, que é a falta de verba suficiente.

Outro factor importantíssimo é o da educação sexual da mocidade, não para a incitar a actos de que ela não se lembre, mas para a precaver quando não puder fugir a tais actos.

Tem-se feito grande arruído na imprensa em volta deste assunto, discutindo-se calorosamente se deve aconselhar-se ou não a castidade extra-matrimonial.

Tenho acompanhado com interesse essa discussão, mais tecida em volta de palavras do que de factos ou princípios.

E' curioso notar que neste, como em tantos assuntos, os extremos se tocam. A história mostra-nos heróis, guerreiros, filósofos, sábios e santos ao lado de anarquistas, tendo dado provas de sobejo de serem másculos, mas praticando e prégando a castidade extra-matrimonial.

A liga abolicionista portuguesa, ha tempos, num congresso revoltando-se contra a prostituição regulamentada e contra a injustiça duma moral para cada sexo, que faz da mulher uma escrava dos appetites do homem, manifestou claramente a sua repugnância por certas pretensas virilidades que para se manifestarem precisam do scenário do deboche.

O dr. Alvaro Lapa, cujas recentes palavras teem sido tão discu-

tidas, numa interessantíssima comunicação feita á Sociedade de Ciências Médicas mostrou eloqüentemente as vantagens da castidade extra-matrimonial, bem diferente da impotência, ao contrário do que muitos julgam.

Como médico e apoiado não só na minha observação como na de muitos médicos posso afirmar :

1.º — Que a castidade não é sintôma necessário de impotência.

2.º — Que são mais raros os invertidos castos que os debochados.

3.º — Que muitos pretensos conquistadores e frequentadôres de prostíbulo procuram com as suas palavras e os seus deboches encobrir uma impotência precôce.

4.º — Que o mêdo de serem ridicularizados é que leva muitos rapazes aos prostíbulo — mais do que o *libido* freudiano de que, como de outras modas, tanto se abusado.

Se não é possível evitar que certas pessoas sejam naturalmente sensuais, como não se pôde evitar que outras comam em excesso, o que é um dever é evitar-se que pretendam ser sensuais os que nunca foram e façam gala e exibam *prendas* que não teem.

Na exhibição, na publicidade é que está o mal.

Não é casto quem quere. Quem o puder ser só tem a ganhar com isso na lúta contra o contágio da sífilis e não tem de se envergonhar mais por esse facto do que por ter mau hálito ou um nariz desageitado...

Os povos do norte combatem o *libido* com exercícios físicos que, produzindo um certo canção, deste modo conseguem domar neles a *bêsta* da sensualidade.

Com exercícios, com cilícios ou com orações, quem procura domar a *bêsta* é porque a sente em si e por isso não pôde ser alcunhado de menos másculo. De resto a virilidade em certos críticos é apenas cerebral e vive parêdes meias com a impotência.

Quem puder ser casto que o seja, mas quem não puder domar a *bêsta* use de todas as cautelas que não são tão censuráveis como querem fazer crêr certos puritânos, porque essas cautelas só teem de ser usadas excepcionalmente.

Casar cedo, recurso muito usado pelo povo das aldeias onde é vulgaríssima a castidade pre-nupcial, onde a virilidade é bem superior á dos debochados das cidades e se mantem durante mais tempo, documentada por numerosa próle, casar cedo é uma prática que muitos poderão seguir, dando dêste modo satisfação aos puritânos, sem terem de usar exercícios desportivos, cilícios ou orações para domar a *bêsta* invencível...

Vai longa esta palestra, é tempo de lhe pôr termo.

Acabo de falar das três mais importantes doenças sociais. Do cancro, um dos capítulos da medicina sobre que mais se tem escrito, pouco ha que fixar, sendo importantíssimo:— E' curável quando diagnosticado a tempo e por isso quem note em si qualquer carôço, ferida demorada, embora pequena, íngua, de causa desconhecida, purgação fétida, hemorragia, rouquidão ou anemia, deve consultar o seu médico ou dirigir-se directamente ao Instituto de Oncologia na estrada de Benfica. O resto é com os médicos, é com os homens de ciência que lhe hão-de indicar o caminho a seguir e explicar o tratamento adequado.

*
* * *

A luta contra as doenças sociais — repetimo-lo mais uma vez — assenta essencial e fundamentalmente na Higiêne :

- Higiêne infantil e pre-natal.
- Higiêne geral.
- Higiêne moral.

A Higiêne infantil e pre-natal poupa muitas creanças á morte, mas poupa mais á tuberculose e á sífilis hereditária.

A higiêne geral ensina o indivíduo a lutar contra os agentes de destruição, contra as variadissimas causas das doenças ; mostra-lhe como deve construir a sua casa para ela não se lhe tornar em sepultura ; como deve escolher os seus alimentos e como os deve utilizar ; como deve construir a sua officina ; como deve cuidar do asseio do seu corpo e do bom funcionamento das diferentes peças da relojoaria do seu organismo ; como deve construir e fazer funcionar a escola onde seu filho vai instruir-se ; como deve lutar contra os micróbios, ensinando-lhe as regras de desinfeção ; como deve lutar contra as doenças transmitidas pelos animais ; como se deve apetrechar para combater as epidemias e os males terríveis da lépra, da raiva e das doenças pestilenciais ; como deve com exercícios físicos promovêr o seu aperfeiçoamento corporal ; como deve escolher a água que lhe mate a sêde e afastar de junto de si

os dejectos ; como ha-de afastar de si e destruir os cadáveres dos seus semelhantes e dos animais ; como ha-de enfim lutar, fortalecendo o organismo, combatendo as causas de doença e enfraquecimento, de modo a melhor resistir á infecção tuberculosa e sifilitica.

A higiêne moral ensina-lhe o devêr de respeitar a saúde, a vida e a honra dos outros, para que os outros lhe respeitem as suas ; o devêr de não provocar artificialmente a inconsciência ou a excitação pelo abuso de venênos, como o alcool, o ópio e a cocaína ; o devêr de honrar os seus pais, os velhos, os que lhe fazem bem, os que lhe dão instrução ; o devêr de respeitar as autoridades do Estado e o Regimen ; o dever de respeitar as ideias políticas e religiosas dos outros para que os outros respeitem as suas ; o devêr de educar os filhos, de lhes escolhêr as leituras e os espectáculos ; o devêr enfim de ser um elemento útil á sociedade, tão exigido pelas velhas civilizações, como pelas mais modernas ideologias sociais.

Para lutar conscientemente contra as doenças sociais é precisa a acção dos médicos, mas a acção dos médicos, só por si, não basta.

Para praticar, para vulgarisar, para inculcar no ânimo de toda a gente a ideia indiscutível de que a melhor arma contra as doenças sociais é a hygiene é preciso o auxílio de todas as pessoas de bôa vontade, cultas ou não cultas, ricas ou pobres, habitantes das cidades ou dos campos.

As classes operárias teem um lugar proeminente nessa cruzada.

Fazendo o meu apêlo ás classes operárias de Lisboa e por elas ás do país inteiro, em nome dos organisadôres da *Semana de Higiêne*, tenho a certeza de que as minhas palavras algum éco hão-de encontrar, não por elas em si, a que não soube dar o brilho que o assunto merecia, mas pela importância instante do que elas significam e pela sinceridade com que as pronunciei, depois de muito meditadas.

Caldas da Rainha, Abril de 1931.

NOTA

O Dispensario de Profilaxia Social, das Caldas da Rainha que publica esta conferência, fa-lo para esclarecêr o publico, como é de seu devêr e programma, sobre a necessidade duma colaboração

constante de todos com as autoridades sanitárias para que a higiene e a profilaxia das doenças não sejam palavras vãs.

Tendo publicado já 10 trabalhos de propaganda higiénica, num total de 20 mil exemplares, julga cada vez mais oportuno o esclarecimento e educação do povo para que a acção de qualquer Dispensário possa dar o máximo rendimento. O movimento de doentes protegidos pelo Dispensário das Caldas tem aumentado, o que prova bem a oportunidade da sua criação pela Direcção Geral de Saúde. A miséria que predispõe para a tuberculose e não permite aos sifilíticos tratarem-se á sua custa é cada vez maior. Este ano fizeram-se a mais do ano passado 1543 serviços, entre os quais algumas radiografias e análises, e iniciáram-se os serviços da *Casa de Repouso* sustentados pela Direcção Geral da Assisténcia, onde além de sessões de repouso em cadeiras de cura apropriadas, foram distribuidas refeições a 10 doentes por dia, não podendo beneficiar por enquanto com este serviço senão doentes não contagiosos.

O total dos serviços prestados foi de 11.763, dos quais 5.988 no *Dispensário* e 5.775 na *Casa de Repouso* assim distribuidos:

Injecções de 914	59
Outras injecções anti-sifilíticas	701
Injecções várias a tuberculosos ou predispostos	4.130
Consultas (só se contam as dadas no D.º)	203
Reacções de Wassermann	8
Radiografias	13
Fórmulas fornecidas	736
Inquéritos sociais feitos	45
Escarradôres de algibeira emprestados . .	22
Vacinações anti-diftéricas	3
Análises de urinas	60
» » expectoração	8
Total dos serviços do Dispensário	5.988
Litros de sôpa distribuidos	3.609
Sessões de repouso	2.166
Total dos serviços da Casa de Repouso	5.775

Adquiriu mais o Dispensário, estando á disposição das parturientes pobres, duas camas completas, dois berços e respectivas

roupas e louças para acudir a partos. Ofereceu ao Lactário Crèche mobília para a criação duma escola de primeira infância, para 12 creanças.

Caso as circunstâncias o permitam está projectada a aquisição dum aparelho para pneumotorax artificial, a criação do serviço anti-rábico, para o que o director do Dispensário fez já o estágio necessário no «Instituto Câmara Pestana», a organização eficaz do serviço anti-leproso, etc.

Mas aos meios de acção directa têm que juntar-se os de cultura higiénica do póvo para ele compreender bem que em higiénia como noutros ramos de administração pública os povos teem o que merecem e que quem o não sabe merecer não póde exigir dos funcionários a dedicação indispensável quanto mais o sacrificio da saúde, do repouso e dos seus legitimos interesses.



Instituto Municipal de Higiene e Sanidade de Lisboa



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329679351

TRABALHOS DE VULGARISAÇÃO

DISTRIBUIDOS PELO "DISPENSÁRIO DE PROFILAXIA
SOCIAL" DAS CALDAS DA RAINHA

AS TRES GRANDES DOENÇAS SOCIAIS — A tuberculose,
a sífilis e o alcoolismo (*fôlhas e cartazes*) — 4200 ex.

BREVIÁRIO DE HIGIENE (*folhêto*) — 1050 ex.

BREVIÁRIO DAS MÃES (*folhêto*) — 500 ex.

(edição do Lactário-Crèche Rainha D. Leonor)

BREVIÁRIO DE HIGIENE MORAL (*folhêto*) — 1050 ex.

A B C DA CIVILIDADE (*fôlhas*) — 1000 ex.

A B C DAS MÃES (*fôlhas*) — 5100 ex.

(edição do Lactário-Crèche Rainha D. Leonor)

DOENÇAS VENEREAS—O que todos os rapazes devem saber
(*fôlhas e cartazes*) — 1100 ex.

A TUBERCULOSE (*fôlhas e cartazes*) — 3500 ex.

MÁXIMAS PARA MAS MÃES (*fôlhas*) — 1000 ex.

AS QVAS E A SAUDE (*fôlhas*) — 1000 ex.

DOENÇAS SOCIAIS E HIGIENE (*conferência*) — 1000 ex.